

Jornal da

# PERIFERIA

ANO I - Nº 6

AGOSTO DE 1980

Cr\$ 5,00

## METALÚRGICOS DE SÃO PAULO VÃO À LUTA

LEIA NA PÁG. 3



# Por que o JP está saindo tão atrasado?

A imprensa operária e a imprensa independente, de oposição, têm uma longa história no nosso país. Dentro da imprensa independente, jornais como o «JORNAL DA PERIFERIA» são muito recentes. Esta imprensa popular, ligada às lutas dos moradores nos bairros da periferia, e que tem como objetivo dizer o que os jornalões não dizem, ainda não tem história, é uma experiência nova tanto para jornalistas como para o próprio povo.

Quando lançamos a proposta do «JORNAL DA PERIFERIA» e discutimos com os moradores de várias vilas da região, sentimos a necessidade que o povo tem de uma imprensa que se dirija a ele, às suas lutas, às suas conquistas. Todos sabíamos que não seria fácil fazer um jornal sem dinheiro, contando apenas com as vendas nas vilas, em algumas poucas bancas de jornais, e com a contribuição mensal de alguns jornalistas e pessoas que acreditam na importância e na necessidade de existir esse tipo de jornal.

De novembro de 1979 a maio de 1980, com a ajuda da Comissão de Moradores, conseguimos tirar o JP mensalmente. No mês passado o jornal não pode sair, pela primeira vez, por falta de dinheiro. Os preços das gráficas subiram muitíssimo, subiu o preço do papel, do papel para fotografia, subiu o preço dos filmes, como subiu o preço de tudo nesse país, com a famosa inflação.

Alguns colaboradores que davam uma pequena quantia mensal não puderam dar mais essa contribuição, porque a vida está cada vez mais difícil para todo mundo. Ao mesmo tempo, é pequeno a equipe de jornalistas do JP — três pessoas — e não tivemos condições de distribuir melhor o jornal, como fazíamos antes. Assim ficamos com muitos exemplares encalhados, e sem esse dinheiro de vendas que poderia ter entrado.

Os moradores devem se perguntar: por que só três jornalistas estão no JP? São muitas as causas, mas a principal é que não são numerosos os jornalistas que se dispõem a trabalhar na imprensa popular, onde a gente não recebe salários por este trabalho. E quanto aos outros poucos jornalistas, interessados em contribuir para a imprensa popular, eles também já estão trabalhando nos outros jornais da imprensa independente e não lhes sobra tempo para mais um jornal.

Por sua vez, a Comissão de Moradores — que é a ligação do JP com os outros moradores da região — nem sempre pode dedicar seu tempo ao jornal, porque os representantes têm compromissos com muitas atividades nas suas vilas.

Enfim, nessa crise toda que atinge a imprensa independente, o JP também foi envolvido. Estamos saindo com este número de quatro páginas, por absoluta falta de dinheiro. Os moradores não podem ajudar dando dinheiro, porque sabemos que o salário do trabalhador mal dá para sustentar sua família. E é sobre todas estas questões que gostaríamos de conversar com cada morador.

PÁGINA 2

# Sobreviver é difícil

*Em momentos de crise no país, a imprensa independente enfrenta problemas maiores. Mas não morre. Foi sempre assim.*

Desde o início, a imprensa no Brasil sempre serviu aos interesses dos patrões e do governo, sempre noticiou os fatos de acordo com a visão da classe dominante. Entretanto, ao lado da grande imprensa — esta que visa lucros como qualquer empresa e que tem compromissos com os poderosos — sempre existiram também os pequenos jornais, ligados às lutas do povo, que sobrevivem com muita dificuldade, não têm dinheiro e enfrentam a censura do governo. Alguns desses jornais «nânicos» têm vida curta, outros são mais resistentes e se mantêm com muito esforço, pois para servir aos verdadeiros interesses dos oprimidos, a imprensa independente só pode contar com o próprio povo.

Os jornais independentes sofrem a censura do governo, que de uns tempos para cá não põe mais os censores dentro das redações, mas em compensação manda recolher os jornais antes de irem para as bancas. Isso significa prejuízos muito grandes para a pequena imprensa e significa prejuízos muito maiores para o povo, que é também assim proibido de saber o que acontece, proibido de se informar sobre seu país e sobre o mundo.

**PAPEL É CARO  
E ANÚNCIOS  
SÃO DIFÍCEIS**

Os jornais independentes — como o JP — sofrem também problemas financeiros com a falta de anúncios, porque os comerciantes e as empresas não se interessam em publicar propagandas nos jornais que são contra a exploração, contra a venda do nosso país ao capital estrangeiro, contra a política do governo, contra a polícia e a repressão. Deste modo os jornais

pequenos não podem ser impressos nas grandes gráficas, porque elas estão também comprometidas com a grande imprensa e os interesses dos dominadores. Então temos de recorrer a gráficas menores, sem muitos recursos e que lutam com dificuldade diante do poder das grandes. O papel está cada dia mais caro, e não se fazem jornais sem papel. Mas o papel é caro porque é importado do estrangeiro, pois todo o papel que é produzido aqui, o nacional, já é monopólio da grande imprensa. Somos obrigados a gastar um dinheiro que não temos.

**BANCAS SOFREM  
AMEAÇAS  
DE FASCISTAS**

Além de enfrentar todos estes problemas que são muito sérios, os jornais independentes e a favor do povo são sempre atacados por grupos de extrema-direita, fascistas, que querem, com o terrorismo que fazem, acabar com a imprensa independente. É o que está acontecendo, atualmente, com bancas sendo incendiadas porque vendem estes jornais que dizem a verdade. Os terroristas fazem ameaças, e como não conseguiram amedrontar os jornalistas que escrevem nestes pequenos jornais, agora pas-

sam a amedrontar os jornalistas, impedindo a venda da imprensa independente. O pior é que nisso tudo, a polícia e o governo não tomam nenhuma providência, não investigam, porque são eles os inimigos da imprensa independente, e permitem que esse tipo de terrorismo seja praticado contra tudo e contra todos que estão ao lado do povo.

**IMPRENSA SÓ É  
LIVRE QUANDO  
O POVO É LIVRE**

Assim, os jornais pequenos encontram, cada vez mais, barreiras maiores no seu caminho. Mas esta situação não é nova na história do Brasil, porque não existe imprensa livre onde o povo não é livre. E só na medida em que o povo vai se organizando, mostrando sua força, e conquistando seu lugar na vida política do país, esta imprensa — que é do povo — também vai crescendo e se fortalecendo. Em momentos de crise, como o que passamos agora, a imprensa independente enfrenta problemas maiores e mais graves. Mas não morre. Os pequenos jornais como o nosso são importantes para as lutas dos trabalhadores, e a cada passo da luta, a imprensa independente arranja um jeito de não desaparecer.

## CONVOCAÇÃO

Vamos lutar para que o JP continue a serviço do povo, e para isso convocamos todos os moradores, de todas as vilas, interessados na sobrevivência do jornal, a comparecer a nossa reunião, no dia 24 de agosto, domingo, às 10 horas da manhã. A reunião será aqui na sede do JP (Estrada de Parelheiros nº 4560 — sala 13 — ao lado do posto de gasolina) e discutiremos juntos os problemas do JP, que são muitos. Venha dar a sua ideia.

JORNAL DA PERIFERIA

Diretora — responsável: Elizabeth de Souza Lorenzotti  
Reg. MT — 10.716

Redação: Estrada de Parelheiros, 4560 — Sala 13 — S.P.  
Composto na Editora Jornalística AFA LTda — Av. Liberdade, 704 — São Paulo.

JORNAL DA PERIFERIA



# Fábricas e bairros contra a pelegada

**Os metalúrgicos de S. Paulo decidiram fazer uma ampla Campanha de Conscientização e Sindicalização, e já se preparam para a Campanha Salarial deste ano.**

Depois de muitas consultas a toda a categoria, o Movimento de Oposição Metalúrgica para a Reconquista do Sindicato de São Paulo está começando uma ampla Campanha de Sindicalização, que além de fortalecer a luta da Oposição Sindical pela tomada do Sindicato nas eleições do próximo ano, tem como objetivo mais importante a conscientização de cada trabalhador metalúrgico.

"Sindicalizar conscientizando" — é a proposta das Oposições. Todos os metalúrgicos devem entender e participar da luta pela reconquista de seu Sindicato, expulsando os pelegos que estão na diretoria desde 1964. Outra bandeira das Oposições é também a luta por um sindicato autêntico, independente, desatrelado do Ministério do Trabalho, para que o governo não possa interferir — como tem acontecido sempre — nas lutas e negociações entre patrões e operários.

Um dos casos mais recentes em que o governo se intrometeu mais uma vez na negociação que deveria ser livre e direta, foi nos sindicatos metalúrgicos do ABC, quando os autênticos e legítimos dirigentes foram cassados e o governo decretou intervenção nesses sindicatos.

**Procure um desses locais para saber da Campanha**

Mas para retomar o Sindicato, e tirá-lo das mãos do Joaquim e de sua turma de pelegos, os metalúrgicos conscientes de São Paulo vão se organizar, se mobilizar, para enfrentar um inimigo acostumado aos golpes baixos. E para que esta luta seja vitoriosa algumas coisas são necessárias. Como há mais de 300 mil metalúrgicos em São Paulo, o Movimento de Oposição Metalúrgica dividiu a cidade de acordo com as regiões onde existem mais fábricas. Aqui na Zona Sul o Movimento dividiu também a região em oito áreas de atuação da Campanha: Nações Unidas, Socorro, Nossa Senhora de Sabará, Santa Catarina, Santo Amaro, João Dias, Chácara Santo Antonio e Brooklin.

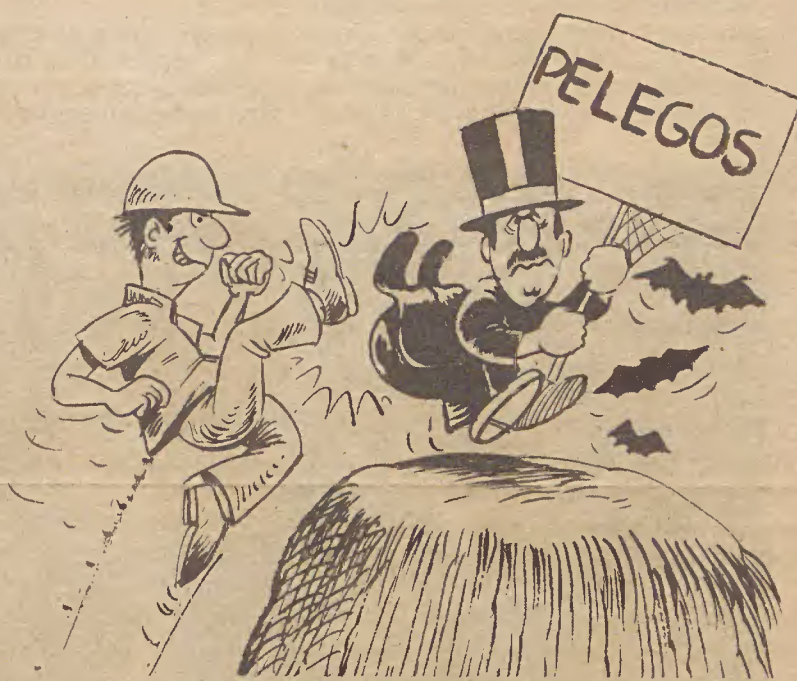
Em cada uma destas áreas os metalúrgicos escolheram equipes encarregadas de organizar, de levar o trabalho de sindicalização e de aprofundar as discussões sobre todos os problemas da categoria.

E os metalúrgicos daqui não estão de braços cruzados: já trataram de começar a discutir as questões mais importantes e as mais específicas. Em várias fábricas, como na Villares, grupos de operários se organizam para debater sobre a situação dos empregados da empresa, e também para

discutir temas mais amplos como a própria Campanha de Sindicalização e principalmente a Campanha Salarial de novembro — mês do dissídio dos metalúrgicos de São Paulo.

Nos bairros da periferia, onde moram os operários, a Campanha de Sindicalização e conscientização, da Oposição, pretende atingir os operários metalúrgicos agrupados nas Comunidades, nos movi-

mentos de reivindicações (como Loteamentos, Água, Custo de Vida) e em todos os locais onde o trabalhador se organiza para lutar por seus direitos. O Movimento de Oposição considera que tanto a luta no bairro como a luta no Sindicato são iguais e necessárias, pois é através delas que os trabalhadores vão se organizando e vão buscando melhores condições de vida e de trabalho.



## Reconquistar o Sindicato

**Oposição decide intensificar a campanha de conscientização e de sindicalização em cada empresa**

A **Luta Sindical** um dos grupos ligados ao Movimento de Oposição Metalúrgica para a Reconquista do Sindicato de São Paulo, realizou um Congresso para definir sua política de atuação sindical.

Cerca de 140 trabalhadores estiveram reunidos, nos dias 26 e 27 de julho no Colégio Salesiano do Tatuapé, e tomaram decisões sobre a atuação da **Luta Sindical**.

Foram aprovadas duas formas de atuação dentro da categoria: uma em cada empresa, e outra a nível da estrutura sindical atual.

A nível de empresa foi aprovada a formação de grupos e Comissões de Fábrica que seriam os embriões do fortalecimento da militância operária.

A nível da estrutura sindical atual, a **Luta Sindical** decidiu atuar dentro dessa estrutura no combate ao peleguismo, combatendo o controle do sindicato pelo governo

e lutando por uma diretoria combativa que realmente represente a categoria.

Para a reconquista do sindicato a **Luta Sindical** considerou que é necessário fortalecer o Movimento de Oposição, uma frente que reúna forças autênticas da categoria metalúrgica.

Um outro ponto decidido foi a realização de uma campanha permanente de sindicalização e conscientização, sem levar em conta apenas as eleições que acontecerão no ano que vem.

**O que é preciso para sindicalizar:**

— Carteira Profissional registrada e com Imposto Sindical atualizado.

— Duas fotos 3x4.

— Preenchimento da proposta de sindicalização.

— Taxa de Cr\$ 150,00, incluindo a primeira mensalidade.

Em muitos bairros da nossa região já estão sendo feitas pesquisas, para localizar os operários metalúrgicos que não são sindicalizados, e integrá-los na Campanha.

Em toda a Zona Sul também já estão funcionando postos de informação sobre toda a Campanha, e que podem ser procurados pelos metalúrgicos interessados em participar e apoiar o Movimento das Oposições para a Reconquista do Sindicato de São Paulo. Os locais são os seguintes:

- Capela do Socorro
- Comitê do Deputado Aurelio Perez — na Avenida Vitor Manzini.
- Associação dos Trabalhadores e Moradores da Zona Sul — perto da garagem do ônibus Socorro.
- Jornal da Periferia

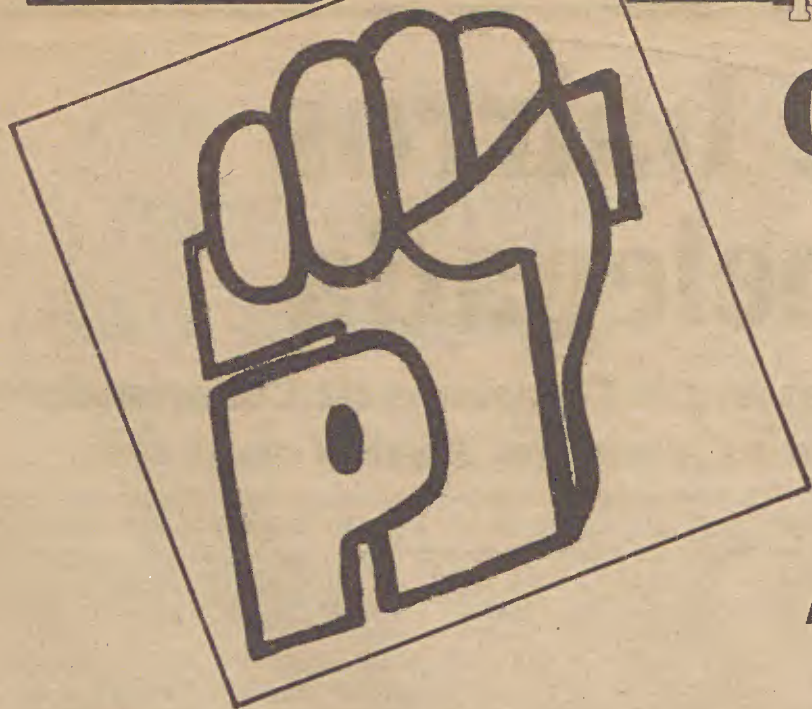
**Muita gente não quer nem saber da Campanha**

Outra preocupação do Movimento é a Campanha Salarial de novembro. Já existem várias propostas para a Campanha Salarial, e a principal delas é o início imediato da Campanha. A Oposição considera importante, desde hoje, iniciar o encaminhamento e o processo da Campanha de salários, porque a categoria metalúrgica de São Paulo conhece muito bem o atual presidente e o pessoal que o apóia. Os metalúrgicos conscientes e combativos sabem que os interesses de Joaquim e sua turminha não são os interesses da classe trabalhadora.

A Oposição sabe que se não pressionar o Joaquim nem haverá Campanha Salarial, mas apenas "negociação por baixo do pano" — entre a diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos e a FIESP como aconteceu na Campanha de 1978. Até hoje os metalúrgicos de São Paulo se lembram da grande traição do pelego Joaquim e o resto da diretoria: negociaram sem consultar a categoria, fizeram um acordo com a FIESP, e tiveram a coragem de apresentar este acordo, prontinho, numa assembléia salarial.

O Movimento de Oposição, além de lutar contra as manobras do Joaquim, luta também contra grupos políticos que se dizem de oposição, mas que por oportunismo, querem apenas ter cargos dentro da atual estrutura sindical. Esses grupos hoje são o principal apoio dos pelegos espalhados pelos sindicatos de todo o país. E como não poderia deixar de ser, estão do lado da atual diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo.

**NOSSO PLANTÃO** Sábados — de 15 às 18 horas  
Domingos — de 9 às 12 horas



# Quem está com o PT não pode bobear. Tem de batalhar.

**Militantes do PT ligados aos movimentos de reivindicação, reuniram-se para trocar experiências e definir algumas formas conjuntas de atuação.**

Durante dois dias — no sábado, dia 19, e no domingo, dia 20 de julho — mais de 150 militantes do PT — Partido dos Trabalhadores, estiveram reunidos em Itapeverica da Serra. O que esses militantes tinham em comum é que todos participam ativamente dos movimentos de reivindicações nos bairros da periferia de São Paulo e do interior.

O objetivo desse Encontro — promovido pela SALA do PT de SANTO AMARO — foi avaliar a situação atual das lutas nos bairros, os resultados e as dificuldades enfrentadas pelos movimentos. Outro objetivo foi avaliar a prática dos militantes do PT nesses movimentos. Participaram das discussões representantes de vários núcleos do PT de bairros da nossa região, e também vieram contribuir para os debates, representantes de cidades do interior do Estado, como Campinas, São Carlos e Andradina, e até gente de outros Estados, como Minas Gerais e Pará.

No primeiro dia os trabalhos foram em grupos, reunidos para aprofundar experiências de luta e organização nos bairros. Os grupos levantaram as experiências mais importantes e que deram melhores resultados: Loteamentos Clandestinos, Transportes, Creches, Saúde, foram alguns dos movimentos que o pessoal considerou muito importantes. Em todos os bairros da periferia de São Paulo existem todo tipo de problemas, mas nem sempre os moradores se unem e se organizam para pressionar o Poder público. Mas nos bairros onde os moradores já estão organizados e encaminham suas lutas com firmeza, os resultados têm sido muito bons para a solução de alguns desses problemas.

## Papel do PT é a luta política

No domingo, a plenária abordou algumas questões importantes, mas a que mais interessou a todos foi a questão da ligação entre o PT e as diversas formas de organização popular. Os militantes definiram — seguindo o Programa do PT e também sua Plataforma de Lutas e sua Carta de Princípios — que esses movimentos são independentes e devem continuar sendo. Que o PT não pretende, de forma alguma, viver atrelado a eles e nem que eles vivam atrelados ao PT. "Entender isso é muito importante para nosso trabalho", disse o

metalúrgico Paulo, do Grajaú, que participou do Encontro.

Os participantes do Encontro viram também que enquanto os movimentos reivindicatórios travam uma **luta econômica** (por melhores condições de vida e trabalho), o PT, aliado fiel desses movimentos, tem como papel tra-

var a **luta política**, ou seja, aprofundar as questões políticas que cada movimento de reivindicação coloca.

Muitas foram as questões debatidas, e como não deu tempo para que todas fossem devidamente aprofundadas, uma das propostas

ao final do Encontro foi a de que seja promovido esse tipo de Encontro sistematicamente, entre militantes do PT compromissados com os movimentos de bairros, para que a prática dos militantes do PT seja cada vez mais unificada e fruto de consenso entre os núcleos e a direção.



Foto: JOÃO BITTAR

## Trabalhador tem medo de Política?

Um dos textos que os militantes do PT discutiram durante o Encontro falava sobre a questão dos Partidos Políticos e sobre o grau de consciência do trabalhador. Na classe trabalhadora existem diversos níveis de consciência: há a **consciência individualista**, quando o trabalhador ainda não percebeu que faz parte de uma classe. Por isso ele tem uma falsa consciência: sente que seu salário não dá pra sobreviver e o que faz para corrigir isso? Faz horas extras todos os dias ou vira puxa-saco dos chefetes.

Mas existem também os trabalhadores que começam a perceber que fazem parte de uma classe, e que precisam se organizar em suas entidades. Eles têm a **consciência sindical**: sabem que uma das maneiras de reagir contra sua exploração é somando esforços junto com seus companheiros, dentro do seu Sindicato. E finalmente existem os trabalhadores que

percebem mais ainda, estão à frente na luta: percebem que enquanto os capitalistas continuam no poder, donos das fábricas, das terras, dos governos e das leis, o trabalhador continuará sendo explorado. Estes trabalhadores têm a **consciência política**. Sabem que é preciso se unirem e se organizarem em todas as frentes, contra o sistema que divide a sociedade em exploradores e explorados.

Uma das formas do trabalhador desenvolver sua consciência política é através de **Partidos Políticos** — que são organizações que reúnem milhares de pessoas com as mesmas opiniões políticas e que lutam pelo **Poder** na sociedade. As idéias e opiniões que unem pessoas num Partido correspondem a interesses sociais. Para defender seus **interesses de classe** os setores da população apóiam este ou aquele Partido.

O Partido trava uma **luta política**,

que é, na verdade, uma **luta de classes** — porque o poder político de uma classe é a capacidade que ela tem de fazer valer seus interesses. Assim, surge a proposta do PT — Partido dos Trabalhadores, que é uma das formas do trabalhador se libertar da exploração, se reunindo num Partido que realmente defende seus interesses. O PT é uma forma de **organização política**. É um Partido que tem um Programa e uma Plataforma de Lutas definidos pelos próprios trabalhadores, para lutar contra a opressão. É um Partido de luta, no qual os trabalhadores fazem política mas política com P maiúsculo. O trabalhador faz política também se organizando em outras frentes: nos bairros de periferia, sindicatos, favelas, no campo, nas fábricas, na imprensa. São organizações da classe trabalhadora, que não quer mais se submeter a manobras dos políticos profissionais.

JORNAL DA PERIFERIA